

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARCELLA DINIZ CARVALHO MOURA

OBSERVAÇÕES E ANOTAÇÕES SOBRE AULAS  
DE LÍNGUA INGLESA EM UMA TURMA DE  
ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada à Faculdade de  
Educação da UNICAMP, para obtenção  
do título de licenciada em pedagogia, sob  
a orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia  
Guedes Pinto.

CAMPINAS

2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290004665



FE

TCC/UNICAMP M8650

MARCELLA DINIZ CARVALHO MOURA

OBSERVAÇÕES E ANOTAÇÕES  
SOBRE AULAS DE LÍNGUA INGLESA  
EM UMA TURMA DE ALUNOS DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPINAS

2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC/Unicamp
	M8650
V:	EX:
Tombo:	4665
PROC.:	134110
C:	D: x
PREÇO:	11,00
DATA:	09/04/10
CÓD TÍTULO:	474644

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M8650 Moura, Marcella Diniz Carvalho  
Observações e anotações sobre aulas de língua inglesa em uma turma de  
alunos de educação infantil / Marcella Diniz Carvalho Moura. -- Campinas, SP :  
[s.n.], 2009.

Orientador : Ana Lúcia Guedes-Pinto.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação infantil. 2. Língua inglesa. 3. Professores – Formação.

I. Guedes-Pinto, Ana Lúcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade  
de Educação. III. Título.

10-009-BFE

Dedico este trabalho aos meus pais, Vilza e Geraldo, que sempre me apoiaram e incentivaram em meus estudos. Por todo o aprendizado que me deram, pelo imenso amor que me criaram e pela total compreensão em todos os meus momentos.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a minha orientadora Profa. Dra. Ana Lúcia Guedes Pinto, que muito me ensinou em suas aulas durante o curso e também por todo seu grande empenho ao me orientar a elaborar este trabalho.

Agradeço a minha família e aos meus amigos que diretamente ou indiretamente me ajudaram para a finalização deste trabalho. Agradeço principalmente aos meus pais, Vilza e Geraldo e as minhas grandes amigas da faculdade: Daniela, Carolina e Vanessa que me apoiaram tanto nos momentos mais fáceis, quanto nos mais difíceis.

Os ideais que iluminaram meu caminho e sempre me deram coragem para enfrentar a vida com alegria foram a Verdade, a Bondade e a Beleza.  
(Albert Einstein)

O fim supremo da educação é o discernimento especializado em todas as coisas - o poder de diferenciar o bem e o mal, o genuíno do impostor, e de preferir o bem e o genuíno ao mal e ao impostor. (Samuel Johnson)

Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz. (Platão)

## SUMÁRIO

Resumo.....	7
Abstract.....	7
Lista de Siglas.....	8
1. Descobrindo minha essência.....	9
2. Importância do ensino da língua inglesa na escola.....	14
2.1 Um breve resumo da história do ensino da Língua inglesa.....	15
2.2 A presença dos ingleses no Brasil... ..	17
2.3 Os métodos de ensino de Inglês no Brasil.....	19
2.4 A sala de aula de línguas.....	23
2.5 Poucas bibliografias encontradas.....	27
3. Metodologia .....	28
3.1 Descrição da escola.....	29
3.2 Minha entrada na escola .....	33
3.3. Rotina do Infantil II .....	35
4. Relatos e mais relatos .....	40
4.3 Relato III - I am fine. Thank you, and you?.....	42
4.4 Relato IV - A volta as aulas.....	43
4.5 Relato V- Pets .....	44
4.6 Relato VI- Members of the family.....	45
4.7 Relato VII - Numbers .....	47
5- Considerações finais .....	52
Referências Bibliográficas.....	55
Anexos .....	58
Anexo 1. Cronograma do mês de Agosto - Infantil II.....	58
Anexo 2. Some Songs.....	60
Anexo 3. Exemplos de trava-línguas .....	66
Anexo 4. Exemplos de adivinhações .....	67

## **Resumo**

O presente trabalho investiga o ensino da língua inglesa na educação infantil. Busco, assim, compreender as relações que as crianças pequenas estabelecem com o ensino da segunda língua, e, como diferentes recursos (músicas, filmes, fantoches, brincadeiras) influenciam em sua aprendizagem. Desta maneira, acompanhei aulas em que esta segunda língua era ensinada em uma classe da educação infantil em que exerço a função de professora auxiliar. Nesse sentido, também teço algumas considerações sobre minha condição de professora auxiliar no contexto do campo pesquisado.

Palavras-chave: Educação Infantil, Língua Inglesa, Professora Auxiliar

## **Abstract**

This research investigates the teaching of English in kindergaten. I intend to understand the relationships between young children and the teaching of a second language, and how different resources (songs, movies, puppets, games) influence learning. Followed lessons in that second language class was taught in a kindergaten class in which I exercise the function of assistant teacher. This is also weave some thoughts on my condition as a teaching assistant in the context of the researched field.

Keywords: kindergaten, English Language, Teaching Assistant

## **Lista de Siglas**

ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas

LE – Língua Estrangeira

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PUC - Campinas – Pontifca Universidade Católica de Campinas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

## **1. Descobrendo minha essência...**

Por me considerar uma pessoa com perfil ansioso, logo que ingressei na Universidade já me questionava sobre o tão propagado Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Os próprios professores do curso, logo no início das disciplinas já nos alertavam sobre essa tarefa. Muitos deles solicitavam trabalhos segundo os formatos e regras da ABNT e nos indicavam alguns temas (cada um dentro de sua área específica) que poderiam se configurar como linhas de pesquisas pertinentes a futuros estudos. Observava, então, vários colegas que anotavam em seus cadernos essas dicas e também, como eu, já preocupados em procurar conhecer e obter maiores informações sobre quais linhas seriam mais interessantes, quais professores haviam mencionado dito isto e aquilo e se os mesmos poderiam, no futuro, se tornarem, quem sabe, seus respectivos orientadores.

Porém, apesar de a ansiedade em ter que escolher um tema, eu não enxergava e continuo a não enxergar o trabalho de conclusão de curso somente desta maneira: que se constituísse como algo que seguisse dicas ou que pudesse aproveitar pedaços de trabalho, e assim dar continuidade a uma pesquisa anterior muito elogiada. Por isso, dediquei-me a prestar atenção nas áreas, nos conteúdos que nos foram apresentados e, a partir do segundo ano da faculdade resolvi refletir para ver se encontrava um assunto que realmente despertasse o meu interesse, pois como futura pedagoga, acredito que o ensino- aprendizagem só é válido, quando torna-se significativo para o estudante.

Comecei a buscar, inclusive num passado mais distante, assuntos que me despertavam mais interesse. Lembrei-me de minha infância, das brincadeiras de que mais gostava, dos amigos mais próximos, da minha escola, de alguns professores

muito especiais, da minha casa, do nascimento e do crescimento do meu irmão, dos meus pais, dos almoços familiares de domingo, etc. Enfim, fiz uma viagem a essa parte querida da minha vida. Percebi que adorava interpretar e representar professores e ensinar as minhas amigas e as bonecas. Tinha uma lousa branca e várias canetas coloridas para usar e meu pai, muito solícito, vivia a trazer-me mais canetas, posto que eu as usava com muita frequência e elas secavam rapidamente. Na mesma época, pedia muito aos meus pais para ganhar um irmãozinho, pois já gostava de crianças e era filha única. Tinha cinco anos quando ele nasceu. Surpreendi meus pais, pois não tive qualquer crise de ciúmes por causa dele e, ao contrário, eu adorava cuidar, ajudar, brincar, ensinar, enfim ser como uma segunda mãe para ele. Nesta fase, destaco então algumas palavras que meus familiares sempre comentavam entre si e que poderiam me descrever até então: carinhosa, risonha, paciente, atenciosa, amiga, estudiosa... Pode parecer muito convencimento de minha parte, mas esses adjetivos, acredito eu, mostravam para mim alguns interesses que eu carregava.

Passo então a uma fase posterior à da primeira infância, me vejo agora com cerca de 10, 12 anos. Minha mãe me dava aulas de inglês em casa, pois além de ser fisioterapeuta formada, ela lecionava Inglês à noite em uma escola particular de idiomas aqui na cidade de Campinas e eu já me interessava por este idioma. Assistíamos a muitos programas em inglês e com a legenda em português. Gostava de imitá-la e tentava ensinar umas palavrinhas ao meu irmão, tendo sempre a querida lousinha branca para me auxiliar. Por adorar o novo idioma, fui estudá-lo na mesma escola de idiomas que minha mãe trabalhava. Nascia ali uma grande paixão e admiração por essa língua e também por seus falantes nativos. Meu sonho desde criança era ir para os Estados Unidos para conhecer a Disneyworld. Nessa fase,

destaco novas palavras: relação ensino-aprendizagem, língua estrangeira (no caso, a língua Inglesa), Estados Unidos...

Depois me “transportei” à fase de adolescência. Enfim, nos meus 16, 17 anos, preocupada em decidir qual curso deveria prestar no Vestibular. Tive a ajuda de meus familiares e amigos e todos diziam que eu tinha todo o perfil de ser uma professora, que eu adorava e atraía crianças e que tinha um jeitinho especial de agir com elas (concordo com tudo o que foi acima citado).

Desta forma, quando terminei o ensino médio, em 2005, resolvi prestar o curso de Pedagogia na UNICAMP e de Letras na PUC-Campinas e fui aprovada nas duas universidades. Tinha então que tomar uma nova decisão, qual curso escolheria? Na verdade, gostava das duas, pois as entendia como “complementares”. Naquela ocasião tinha o entendimento de que a Pedagogia como sendo supostamente mais voltada para o ensino infantil, preparando assim o professor para a polivalência, isto é, atuar com as várias disciplinas dos primeiros anos do ensino fundamental. Já sendo formada em Letras, entendia eu, teria a oportunidade de ensinar as crianças mais velhas, os adolescentes do ensino médio, além de focar o ensino na língua portuguesa e também, na língua inglesa, minha grande paixão.

Como eu tinha o privilégio de não precisar trabalhar, tive a oportunidade de ingressar nos dois cursos ao mesmo tempo. Um frequentava no período da manhã, e o outro, no período da noite. Conciliava muito bem as matérias e minhas notas, até que no final do segundo ano das duas faculdades, me surgiu mais uma nova oportunidade: participar de um intercâmbio de trabalho nos Estados Unidos!

Vislumbrei ali minha chance e sabia que deveria agarrá-la. Participei de um programa chamado: “Work and Travel Program”, onde iria trabalhar no exterior

durante minhas férias escolares aqui do Brasil. Era uma forma de eu poder realizar minha viagem internacional tão sonhada e conseguir pagar minhas despesas com o trabalho de lá.

Após um processo longo de testes e entrevistas, consegui o que eu realmente queria: fui aceita para trabalhar em um dos diversos parques temáticos que existem em Orlando, na Flórida (Universal Studios). Fui em dezembro de 2007 e voltei em março de 2008. Tive uma experiência incrível! Nunca havia morado distante dos meus pais, nunca havia trabalhado, nem pago minhas despesas. Conheci amigos de vários países, vivenciei a cultura norte americana, pude aprimorar meu Inglês, apaixonei-me pela vida independente que tinha disponível lá, mas tinha que voltar para o Brasil e terminar meus estudos.

Quando voltei, já estava no terceiro ano da faculdade, e agora sim era hora de me dedicar ao meu TCC. Buscava um tema que pudesse unir meus dois cursos e também que tivesse uma forte ligação com o que pretendo trabalhar assim que me formar! Gostaria de trabalhar a língua inglesa com as crianças desde a mais tenra infância.

Enviei meu currículo para algumas escolas e uma que me despertou grande interesse me chamou para ocupar a função de professora auxiliar, após várias entrevistas e alguns dias de treinamento e experiência. Fiquei muito feliz, pois tenho uma admiração especial por sua metodologia. O ensino é em tempo integral e as crianças, desde o maternal I (crianças de cerca de 1 ano e meio) já tem aulas diárias de Inglês!

Então, desde janeiro de 2009, meu último ano no curso de Pedagogia, optei por trancar a graduação em Letras (o qual pretendo retomar em 2010) para poder acompanhar diariamente no período da manhã, o infantil II, que é composto por

crianças de quatro a cinco anos em muitas de suas atividades, inclusive, nas aulas com a professora de língua inglesa.

Portanto, não tive mais dúvidas quanto ao que iria pesquisar. Meu tema finalmente foi escolhido: “O ensino da Língua Inglesa na educação infantil”. Agora, mais especificamente: “Acompanhando as aulas de língua inglesa em uma sala de educação infantil”. Acreditava que possuía certa experiência relacionada ao assunto de ensino de línguas estrangeiras e ainda tinha a oportunidade de realizar um estudo de campo diário.

Busco, então, neste TCC, entender as relações que as crianças pequenas estabelecem com o ensino da segunda língua, como os diferentes recursos (músicas, filmes, fantoches, brincadeiras) influenciam em sua aprendizagem. Além disso, também teço algumas reflexões sobre minha condição de professora auxiliar no contexto geral da escola e também no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

## **2. Importância do ensino da língua inglesa na escola**

Na sociedade globalizada em que vivemos hoje não podemos ignorar que o contato existente entre diferentes culturas e línguas se torna cada vez mais frequente devido aos inúmeros meios de comunicação que temos à disposição e também à avançada tecnologia. Nesse contexto, o ensino de línguas estrangeiras tornou-se ainda mais fundamental, pois propicia que um número cada vez maior de pessoas de diferentes lugares possa estabelecer contatos de diversas naturezas.

Cláudia Hilsdorf Rocha (2006) apresentou sua dissertação de mestrado em Lingüística Aplicada (LA) do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp com o seguinte título: "Provisões para Ensinar LE no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries: dos Parâmetros Oficiais e Objetivos dos Agentes". Sua pesquisa tem como centro de estudo o processo de ensinar e aprender línguas estrangeiras (inglês) nos dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental, representados por duas escolas da rede municipal e uma escola particular, localizadas em uma pequena cidade do interior paulista.

Em sua dissertação, cita autores que afirmam que o inglês é hoje considerado uma língua universal ou internacional. Rocha (2006) diz que, por esse motivo, aumentou-se o interesse pela Língua Estrangeira (LE), tornando-se cada vez mais normal iniciar esse processo de ensino logo cedo, desde a Educação Infantil.

Rocha (2006) menciona também que estudiosos da área acreditam que hoje ocorre o ressurgimento do ensino de LE para crianças e mostram que esse ensino tem estado em constante expansão, tanto em escolas especializadas de idiomas, quanto em escolas da rede primária em todo o mundo.

Marli Aparecida Rosa (2003), em sua dissertação de mestrado realizada na Unicamp, intitulada "A relação entre domínio da língua inglesa e empregabilidade no imaginário brasileiro em tempos de mundialização do capital ("globalização")" busca compreender os efeitos de sentido da língua inglesa, estudando, em específico, o funcionamento discursivo de uma de suas representações: a de "senha de acesso" ao mercado de trabalho dito "globalizado".

Em relação à realidade brasileira, a autora apresenta o tema de ensino da língua inglesa como um instrumento de ascensão social, pois funciona no contexto da sociedade atual como um acesso à informação no mundo dos negócios, das tecnologias, ou seja, como um passaporte para a entrada em quase todas as áreas. Isto é, o inglês ocupa o status de um sonho de consumo que apresenta possibilidades de entrada em um mundo considerado mais avançado e sofisticado.

Rocha (2006) baseada em estudos do pesquisador em LA especializado em pesquisas sobre o ensino de língua estrangeira Moita Lopes (2003), ressalta que a aprendizagem de uma nova língua contribui para o papel do desenvolvimento sócio-cultural do indivíduo e como força libertadora da hegemonia que ele pode representar. O autor ressalta o quanto a apropriação de uma segunda língua traz questões sobre a identidade do aprendiz.

## **2.1 Um breve resumo da história do ensino da Língua inglesa...**

Segundo Assis (2008), ao retornar a história do Imperialismo britânico, no período de 1884 a 1914, a Inglaterra conseguiu expandir seu idioma a outros países, pois o capitalismo e a burguesia eram muito influentes neste contexto. Ou seja, no mundo ocidental era esse sistema econômico que ditava as regras da vida sócio-cultural nos demais países subdesenvolvidos. No contexto da afirmação da nova

sociedade que se estruturava, a burguesia surgiu em contraposição ao sistema feudal, tanto nas questões econômicas quanto sociais. Assim, o capitalismo instaurou-se em uma base de trocas comerciais, principalmente entre o Ocidente e o Oriente. Para fazer a contraposição ao feudalismo, a burguesia fez uma aliança com a monarquia, e ainda era imprescindível ter o apoio das camadas sociais mais baixas, representadas principalmente pelos camponeses.

Porém, essa tarefa era difícil, pois essas camadas sociais sempre foram tratadas como inferiores, excluídas de qualquer participação política, até mesmo no que se refere à questão lingüística. Desta forma, a classe dominante burguesa desenvolveu mecanismos para aproximar os marginalizados, desencadeando assim, o nascimento de uma identidade política incluindo nesse momento a unificação lingüística, visto especificamente no surgimento do Estado inglês.

A ideologia burguesa só poderia ser mesmo ampliada através do uso de uma língua comum, e isso foi feito na formação do Estado-nação-inglês, em seu projeto de unificação da língua nacional, que se tornara de ensino e utilização obrigatórios.

Conforme continua o autor, séculos mais tarde a Inglaterra tornou-se o foco central da Revolução Industrial e buscava novos mercados em terras desconhecidas. Relatos sobre a dominação inglesa nos territórios colonizados mostram que esse processo não ocorreu de forma pacífica e muitos extermínios existiram. Assim, os habitantes de terras dominadas começaram a se unir em busca de um mesmo ideal, o ideal de liberdade.

Buscando soluções para sanar esse problema, parecia necessário envolver as populações nativas na ideologia dominante, cooptando-as de forma a se identificarem com a cultura que estava sendo imposta e compartilhassem o

sentimento de cidadãos desse novo mundo civilizado. Acreditava-se então, que isso poderia acontecer por meio da imposição da língua dominante como a **língua oficial** das colônias. Havia a crença de que, para se tornarem cidadãos, os sujeitos tinham que se liberar dos particularismos históricos, isto é, dos costumes locais, de sua língua materna, e assim, abriu-se espaço para um amplo campo para a disseminação do idioma inglês pelo mundo. O domínio da língua inglesa tornava-se necessário tanto para se buscar possibilidades de comércio quanto para acessar os valores sócio-culturais que se divulgavam pelo mundo afora.

## **2.2 A presença dos ingleses no Brasil...**

Segundo relatado no trabalho de Hashiguti (2008), os ingleses se interessaram em vir para as terras brasileiras por volta dos anos 1600, quando a Coroa portuguesa, devido às suas relações com a Coroa Britânica, decide que quatro famílias inglesas deveriam se estabelecer pelo país, cada uma em uma das principais cidades dos estados de Pernambuco, do Rio de Janeiro e da Bahia. Porém, a maioria dos imigrantes só vem ao Brasil com a Abertura dos Portos as Nações Unidas, a partir de 1810. A Inglaterra era considerada uma grande “amiga” do Brasil e esta medida beneficiou o comércio com e para os ingleses.

Podem-se notar dois momentos distintos de referências aos ingleses em nosso país. Num primeiro momento, são vistos como estrangeiros, em que o aspecto físico, língua e hábitos são diferentes. Num segundo momento, são vistos como benfeitores da nossa história, pois auxiliam na transição do regime escravagista para o capitalista. Cada momento histórico favorece um olhar diferente para os estrangeiros.

Os ingleses trouxeram para nós inúmeros hábitos e inovações que nunca haviam sido experimentados por aqui. Por exemplo, como meio de transporte, nos

apresentaram o trem. Trouxeram as indústrias têxteis e metalúrgicas, remédios, a imprensa, roupas, seus costumes. Por exemplo, sua pontualidade com os compromissos assumidos, uma das características marcantes dos ingleses. A arquitetura de suas residências também chamava atenção. As casas eram construídas umas separadas das outras e possuíam grandes jardins. Além disso, novas formas de linguagens, que no começo eram estranhas, mas que, com o tempo, foram sendo incorporadas pela população.

Neste processo de incorporação de novos itens lexicais, que pode ser observado nos nomes de comida, de esportes (pugilismo), de roupas (terno de lã), uso de bebidas (whisky), e também de estilos e formas textuais na língua de origem inglesa que implica em uma filiação (inconsciente) à ideologia do estrangeiro. Essas palavras, expressões em nossa língua, são marcas materiais da relação política entre as línguas e seus falantes.

Assim, existem os estrangeirismos, que hoje são cada vez mais influentes, porque há palavras que foram incorporadas ao cotidiano, como por exemplo, fast-food, self-service, delivery, mas que são estrangeiras, e que por este motivo, precisam ser ditas na sua língua de origem.

Dessa forma, as palavras de origem inglesa, como o nome de pessoas, esportes, objetos, revelam um certo tipo de relação que estabelecemos com o estrangeiro, representando assim, a materialização da ideologia presente em uma outra língua que funciona como estrutura que permite a visualização da marca histórica da presença do estrangeiro nos processos históricos pelos quais passamos, e que dizem respeito às relações de poder estabelecidas entre os países. O uso das palavras estrangeiras na língua portuguesa nos evidencia a presença de uma estrutura (forma material) que faz o suporte das relações políticas

entre as línguas e os países. Em último caso, elas são marcas da nossa interpelação pela sua ideologia, da determinação histórica da forma-sujeito capitalista.

Portanto, a relação entre línguas é sempre um *processo político-histórico-ideológico*, sendo um movimento contínuo de aceitação e resistência ao estrangeiro que se faz pela língua(gem) e deixa nela suas marcas.

Atualmente, a presença dos ingleses é pouco lembrada, pois a grande marca atual é a deixada pelos Estados Unidos. Nas escolas de idiomas existe até mesmo a propaganda que sinaliza a diferença existente entre o inglês britânico e o norte-americano. Isso demonstra que estamos em outro momento histórico, em que estamos cercados da língua inglesa pelos estadunidenses e não mais pelos ingleses. A hegemonia da Inglaterra perante os demais países do mundo foi tomada pela invasão norte-americana, seja pela dominação econômica, seja por sua potente indústria cultural.

### **2.3 Os métodos de ensino de Inglês no Brasil...**

Até meados do século XX, as línguas clássicas, especialmente o Latim, tinham mais prestígio do que as línguas estrangeiras modernas. Tanto é que o latim era disciplina obrigatória no currículo das escolas brasileiras. Para se igualar ao Latim, o inglês passou a utilizar sua própria metodologia. Nessa época, meados do século XX, o principal objetivo do ensino de inglês baseava-se nos conhecimentos gramaticais sobre a língua. Acreditava-se que se o aluno soubesse fazer uma tradução, entendia-se que ele conhecia completamente a outra língua. Segundo Uphoff (2008), as aulas eram formuladas em lições de gramática e exercícios de tradução, conhecido então, como o *método de gramática e tradução*. As aulas eram dadas na língua materna, ou seja, em português, e o enfoque estava na linguagem escrita.

Naquela época, - refiro-me às primeiras décadas do século XX- apenas a elite brasileira tinha acesso a uma educação básica e estudava línguas para uma formação intelectual e espiritual do aluno. Por isso, o caráter prático do inglês não era valorizado. Mas nesse mesmo período começaram a surgir críticas quanto ao método utilizado. Buscavam uma reformulação do ensino das línguas, inclusive, desejavam que as próprias aulas fossem ministradas na língua estrangeira que estava sendo estudada. Segundo ainda Uphoff (2008), nasce aí, um novo método: o *método direto*, em que o aluno deveria já pensar segundo o funcionamento do novo idioma, sem compará-lo ao seu idioma materno. O foco era a língua falada e a gramática seria aprendida através dos muitos exemplos práticos, e a tradução nem era mais tomada como um aspecto importante.

Aqui no Brasil esse método foi oficialmente reconhecido em 1921, com a reforma educacional, no governo de Getúlio Vargas. Contudo, não havia muitas condições de seguir as novas orientações. Não se encontravam materiais apropriados, não havia definido o número apropriado de aulas semanais e poucos professores tinham formação adequada. Isto é, não havia nem recursos humanos preparados nem material didático adequado às novas tendências.

Nas décadas seguintes, presenciamos um movimento de culto à ciência, e no ensino de inglês, surgiu um novo método, o *método audiolingual*, que se baseava no behaviorismo, em que a aprendizagem era entendida como um processo de imitação e repetição mecânica. Na teoria, não havia o enfoque na gramática, mas na prática da língua, que se dava nas aulas ministradas muitos professores ainda a explicavam. No Brasil esse método foi introduzido em 1950 e apoiava-se no uso do livro didático, materiais auditivos, como fitas K7 e filmes. A seqüência das aulas vinha predeterminada e cabia ao professor aplicá-la. Uma outra característica era o

uso do laboratório de línguas, que foi intensamente divulgado nos anos 60, mas que aos poucos foi sendo pouco utilizado e esquecido, tendo ressurgido mais adiante, décadas mais tarde.

De acordo com Uphoff (2008), na década de 1970 muitos passaram a criticar o método, e em 1978, desenvolveu-se o *método comunicativo*, baseado na capacidade do aluno em interagir em situações reais de comunicação, buscando a emancipação do aluno, que não é entendido mais como sujeito passivo na aprendizagem. Além disso, quando necessário, acreditava-se que o estudante poderia usar a língua materna quando tivesse alguma dúvida durante a aula. Falar com fluência também merecia mais destaque do que falar gramaticalmente correto. Essa nova abordagem de ensino também defendia que as aulas fossem trabalhadas com temas que realmente fossem do interesse dos alunos e o professor, nessa perspectiva, ganha mais autonomia no seu trabalho de ensino.

Atualmente, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) da língua estrangeira do 3º e 4º Ciclo do Ensino Fundamental, a maioria das propostas se ancora na abordagem comunicativa de ensino de línguas, mas os exercícios propostos, em geral, visam às estruturas gramaticais, descontextualizadas do contexto de uso.

Uphoff (2008) comenta que muitas outras abordagens estão sendo construídas, e a maioria busca situar o aluno como o centro do ensino, além de qualificá-lo para um diálogo intercultural. Isso porque, hoje em dia, além de ter uma boa fluência, o aluno precisa conhecer vários aspectos da língua-alvo, como os aspectos sociais, culturais, lingüísticos, identitários do povo que a utiliza.

Bolognini (2008) afirma que a posição do sujeito professor de LE, como todos os profissionais da linguagem, trabalha orientada (conscientemente ou não) por

concepções de linguagem baseadas em concepções de sujeito. As reflexões que o professor expõe e as técnicas que utiliza em sala de aula são resultado de sua história pessoal, como aluno, e como profissional em formação.

Hoje nos deparamos com a realidade em que o conhecimento de uma segunda língua, mais especificamente, da língua inglesa está sendo exigido de forma quase que obrigatória para se conseguir um bom emprego. Segundo resultados de uma pesquisa realizada pela revista *Speak up*, no. 226<sup>\*1</sup>, de março de 2006 nos deparamos com os seguintes dados:

- Há no mundo por volta de 400 milhões de falantes de inglês como língua materna;
- Cerca de 1,4 bilhão de pessoas que moram em países em que o inglês é a língua oficial;
- Entre 400 milhões a 1,4 bilhão de falantes de inglês são falantes de inglês como segunda língua ou língua estrangeira
- Há mais de 1 bilhão de pessoas em processo de ensino-aprendizagem de inglês.

A população mundial, em 2001, tinha atingido o patamar de 6 bilhões de pessoas, e segundo esses dados, 1,4 bilhão de pessoas falavam inglês. Dessa forma, pode-se dizer que uma em cada quatro pessoas, isto é, um quarto da população mundial falava inglês.

Com esses números, é possível entender as exigências atuais que têm sido feitas em relação à aquisição da língua inglesa, assim como a preocupação dos pais

---

<sup>1</sup> *Speak up* é uma revista mensal publicada pela editora Rickdan desde a década de 80. É uma publicação de ampla circulação. Cada exemplar é acompanhado por um CD (antes uma fita cassete).

e também das escolas, em oferecer esse ensino, assim que a criança ingressa na instituição escolar.

Na América do Sul, a expansão do ensino de LE está ocorrendo de forma aleatória. Rocha (2006), baseada em diferentes autores, evidencia que o cenário mundial de iniciativas e projetos na área compõe-se, atualmente, de trabalhos desconexos, sendo este cenário descrito pelos autores como uma "colcha de retalhos".

Rocha (2006) ainda completa suas considerações alertando que aqui no Brasil, tal problema pode ser intensificado e talvez, justificado pela reconhecida ineficiência do ensino de línguas em grande parte das escolas regulares, em especial as do setor público, contribuindo para o não ensino de línguas para crianças em unidades escolares públicas.

Além disso, nos deparamos com um pequeno número de horas semanais reservadas ao ensino de LE na grade curricular das escolas públicas, grande número de alunos por sala, carência de recursos didáticos e falta de preparo adequado de muitos professores. Todos esses fatores contribuem para o baixo crescimento de iniciativas na área.

## **2.4 A sala de aula de línguas...**

O espaço físico das salas de aulas (sua forma de organização) e as inúmeras relações sociais que nelas ocorrem revelam muito do que ali se vê. Ezpeleta & Rockwell (1986), chamam a atenção para a vida cotidiana que se desenvolve no ambiente escolar. As autoras destacam sobre a importância desse conceito da vida cotidiana escolar para termos acesso à compreensão do que se vivencia na

instituição escolar. Já Juarez Dayrell (2006), em outra perspectiva de estudo, relata sobre a importância dos espaços, dos tempos que ocorrem dentro da instituição:

A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura interfere na forma de circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala dos professores, cada um destes locais tem uma função definida a priori. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa. (DAYRELL, 2006, pg.147)

Neste trabalho de TCC meu foco se volta à sala de aula e minha atenção se concentra no ensino de línguas. Moita Lopes (2002) afirma que a sala de aula de línguas tem função central na definição dos significados construídos pelos indivíduos.

A sala de aula de línguas é, essencialmente um espaço onde se aprende a língua para construir significados por meio da leitura, compreensão oral, fala e produção escrita. (MOITA LOPES, 2002, pg. 193)

Isso faz com que a visão de discurso e a visão sobre a natureza da interação na classe sejam elementos que deverão orientar os professores em suas ações na sala de aula.

O autor ainda aponta que, geralmente, o ensino de línguas prioriza a situação em que a sala de aula é tomada como uma ilha cultural, isto é, um local que tem como finalidade se aprender LE para atuar em outra cultura. Moita Lopes (2002) defende que se pode refletir sobre o que se está se fazendo ali de fato, que é a construção do significado, em termos de sua relação com o mundo que o aluno está inserido e também em termos de sua própria identidade social.

Outros conhecimentos podem ser trabalhados como foco de atenção do ensino de LE. Para isso, o professor pode preparar suas aulas adequando esses conhecimentos aos seus aprendizes, adicionando sempre seus próprios conhecimentos.

Moita Lopes (1996) e Freire (1998) mostram o desacordo entre o que de fato acaba-se trabalhando nas aulas e o que acontece no mundo exterior dos alunos, propiciando assim as dificuldades em que os alunos têm de se vincularem às práticas discursivas em sala de aula. Somado a isso, devido à rapidez e à facilidade nas trocas de informações hoje em dia, torna-se ainda mais difícil para o professor conseguir preparar aulas que realmente motivem seus alunos.

Nas salas de aulas os participantes estão posicionados de formas diferentes em relação ao exercício do poder. O professor tem um papel específico nas interações, como orientar a disposição espacial, o desenrolar de cada aula. Os lugares sociais de onde se originam seus enunciados são distintos.

Concordo com a afirmação de Moita Lopes (1996), a qual se alinha à visão explicitada dos PCN-LE (1998, p. 19), que enfatiza ser a escola o local onde a aprendizagem de LE deva efetivamente ocorrer:

O fato é que as LEs estão no currículo oficial, e é responsabilidade dos especialistas em LEs (professores e lingüistas aplicados) torná-las possíveis de serem aprendidas no contexto da escola, de modo que setores da sociedade que não tenham acesso a cursos de LEs possam aprendê-las. (MOITA LOPES, 1996, pg. 129)

Acredito ser importante ressaltar aqui a concepção defendida por Moita Lopes (2002) de que as pessoas têm suas identidades sociais construídas nos encontros interacionais dos quais participam durante sua vida a partir das palavras de seus interlocutores. Dessa forma, na escola aprendemos a construir nossa identidade social a partir do que o outro representa para nós e vice-versa, dos textos orais e escritos que são trabalhados durante as aulas, no próprio mundo da sala de aula, com os professores, com os colegas e com outros funcionários que compõem o cenário escolar.

Segundo ainda Moita Lopes (2002), a escola tem esse caráter formador de identidades, pois em geral é o primeiro espaço social em que uma criança começa a

participar fora do espaço de sua casa. Além disso, o tempo em que permanece na instituição escolar é bem considerável. Os professores são quem desempenham o papel de gerenciar os significados produzidos nesse contexto, e a sala de aula de línguas, com suas atividades específicas, propiciam mais ainda os processos de construção da formação social dos alunos.

Outros contextos de interação dentro da escola, como o parque, o pátio, o recreio, o campo de futebol, também participam desse processo de construção de identidades. Wallace (1992) sugere que, em uma aula de leitura em LE, por exemplo, o professor pode desconstruir o texto, formulando diversas perguntas aos alunos relativas a ele tanto em seu conteúdo como em seu contexto social, enfatizando que os textos podem ser tomados como práticas sociais, indicando ao aluno, a natureza social dos processos de construção do discurso e da identidade social.

Os professores, ao desenvolver na sala de aula, seu trabalho de ensino de LE, podem contribuir nos processos de construção social dos significados que nos constroem e que constroem também o mundo.

Apesar da pequena idade das crianças da educação infantil, entendo que elas também estão no início de seus processos de formação de identidade, e que qualquer fato, ação, palavra dita ou não, pode fazer diferença em suas formações. Nessa perspectiva é que pretendo problematizar o ensino de LE em um contexto de educação formal de crianças pequenas. O processo de entrar em contato com uma segunda língua também constituinte da construção de identidades dos sujeitos pequenos em sua infância.

## **2.5 Poucas bibliografias encontradas...**

Desde quando comecei a me dedicar ao TCC, venho enfrentando dificuldade em encontrar fontes, trabalhos, artigos, estudos, relacionados ao tema do ensino da LE no primeiro ciclo do ensino fundamental na Faculdade de Educação. Acredito que isso se justifica, em parte, pela demanda que hoje se configura como atual de se dominar a língua inglesa desde a mais tenra idade. Os estudos sobre o ensino da LE nas séries iniciais aparece como uma necessidade que se coloca mais fortemente na sociedade de hoje, e não do passado. Desse modo, os trabalhos de pesquisa não se desenvolveram nessa direção.

Segundo Cameron (2001), o aumento do interesse pelo ensino da língua inglesa gerou um crescimento no número de publicações na área, porém, não promovera suficientes estudos neste campo. Em nosso país, a situação é parecida. As escolas que mais se interessam por estes estudos, são as escolas de idiomas, especializadas no campo de ensino de LE.

Rocha (2006) afirma que no que se refere aos estudos sobre a aprendizagem de crianças pequenas no campo do ensino de LE é mais reduzido.

Quero destacar aqui que não encontrei TCC's ou investigações que tenham se voltado ao tema do ensino de LE em uma escola regular de ensino dos anos iniciais com turmas dos pequenos.

Meu interesse focalizou-se exatamente nesta questão: como as crianças pequenas se relacionam com a LE freqüentando uma escola de ensino fundamental regular? Procurei aqui descrever alguns episódios em que compartilhei com os alunos pequenos situações que revelam elaborações da aprendizagem do inglês.

### 3. Metodologia

Para realizar minha pesquisa, utilizei-me da observação participante como coleta de dados. Fiz uso constante de um diário de campo em que procurava anotar sistematicamente minhas observações. Trata-se portanto de uma pesquisa que se insere na linha qualitativa de abordagem etnográfica.

Essa perspectiva do trabalho requer a descrição do local, do contexto em que se desenvolveu a pesquisa e dos sujeitos participantes, para se compreender melhor o problema e as condições de sua produção.

Segundo Lüdke e André (1986), a observação participante permite um maior contato entre o pesquisador e o fenômeno que está sendo estudado, favorecendo assim a coleta de dados.

Para as autoras, a observação propicia contato direto com os indivíduos, acompanhando a realidade em que se está inserido. Assim, o observador pode utilizar conhecimentos e experiências pessoais para compreender melhor o processo estudado.

Na realidade, a palavra "observador" não é tão adequada a essa situação, pois estou participando dos eventos pesquisados, mesmo que eu não seja a professora efetiva da turma de alunos, mas sim a professora auxiliar.

Conforme dito antes, a observação participante não ocorre do ponto de vista de alguém externo ao contexto, mas sim do olhar de quem está inserido no problema. Sendo assim, é um olhar participativo e atuante. Por isso o nome de pesquisa participante

Nesse tipo de pesquisa, dá-se prioridade ao processo, e não ao produto, não se baseando apenas nos resultados finais encontrados. É justamente o

acompanhamento do transcurso daquilo que se pesquisa que se torna mais relevante.

Vygotsky (1998) afirma que qualquer processo que envolva indivíduos pode sofrer mudanças ao longo de sua pesquisa e a observação sistemática torna possível o acompanhamento desse mesmo processo. Por isso, é importante a descrição do andamento da pesquisa e das condições de sua produção. O autor ainda destaca a relevância de se estudar os fenômenos em seu próprio processo de mudança, acompanhando o seu desenrolar, procurando segui-lo de sua gênese até sua "conclusão".

Esta pesquisa envolve, de certa forma, meu trabalho como professora, mesmo que auxiliar, e com isso, permite que as informações recolhidas por mim e as reflexões a respeito do meu processo, possam me ajudar na transformação de minha própria prática pedagógica.

Ocupei assim, através do uso do princípio da observação participante, a função de professora e pesquisadora simultaneamente. Neste ano de 2009 pude participar da maioria dos momentos em que a turma do Infantil II teve contato com a Língua Inglesa, no contexto escolar. Tive a oportunidade de participar do cotidiano da classe, já que, como já dito, ocupo a função de professora auxiliar daquela turma.

### **3.1 Descrição da escola**

Para conhecer o ambiente em que esta pesquisa foi desenvolvida, começarei a descrever o local no qual trabalho. É uma escola particular, localizada em um bairro nobre da cidade de Campinas. Sua clientela possui alto nível econômico. Oferece uma educação em período integral, e em alguns dias da semana, oferece também atividades extracurriculares, como aulas de futebol, de balé e de violino.

Outras aulas, como as de xadrez e as de espanhol, por exemplo, já estão inseridas dentro da grade do ensino fundamental.

Atualmente, cerca de 160 alunos estão matriculados e distribuídos entre o ensino infantil até o ensino fundamental (até o 5º. Ano).

A estrutura física da escola é muito vistosa. Possui dois parquinhos, um para o maternal e outro que é dividido entre as crianças do Infantil I e II, como também utilizado pelos alunos do fundamental, porém, em momentos diferentes. Há uma quadra coberta, um refeitório educativo para os alunos, um refeitório para os funcionários e uma cozinha grande (já que todos almoçam na escola). Há também uma sala de informática, sala de vídeo, sala para entrada e saída de alunos, sala para as aulas de artes, além, é claro, das várias salas de aula.

Na classe do Infantil II há 19 alunos. Doze meninos e sete meninas. O espaço físico é composto por três mesas (cada uma de uma cor, que representam os cantos de matemática, artes e linguagem respectivamente), além do canto lúdico, que é simbolizado por uma estante cheia de brinquedos diversos. Há uma prateleira com livros, espaço da biblioteca da sala, e cada turma possui sua própria biblioteca em sala.

Há um armário que só a professora e eu podemos abrir, onde ficam alguns materiais como canetinhas, tintas, lápis de cor, giz de cera, atividades que ainda serão propostas, atividades que já foram dadas, durex, folhas de sulfite de uso para as aulas, que serão repostos quando os que tiverem em uso acabarem. A lousa verde ocupa uma das paredes, a outra é ocupada por um grande mural onde há várias divisórias com atividades que devem ser lidas e feitas ao longo do dia. Do lado desse mural, há a rotina do dia, com vários cartões, cada um simbolizando uma atividade. Exemplos: almoço, lanche, cantos, aula de inglês, parque, etc... Há

também do outro lado desse mural, uma coluna chamada de "Encargos", com as fotos de todas as crianças e com os respectivos encargos que cada uma deve cumprir, como por exemplo, apagar a luz, fechar a porta, ajudar no almoço, levar as escovas para o refeitório, organizar a prateleira de livros, etc...

No mural há o calendário do mês, com os desenhos de sol, nuvem e chuva, que são trocados conforme o tempo. Ainda existem os espaços das regras, do trava-línguas, da poesia, da adivinhação, da audição musical e do centro de interesse. Embaixo do mural há os números de 1 a 10.

Nas salas há também um aparelho de som que é usado diariamente na audição musical. No centro há uma linha amarela, na forma de um quadrado. Há também um cartaz fixado na parede que indica tanto o rodízio das atividades e da organização das crianças aos grupos de trabalho como quais são os integrantes de cada um dos quatro cantos.

Como professora auxiliar tenho várias funções a cumprir. Como a própria designação diz, auxilio a professora em seus trabalhos. Quando as crianças fazem as atividades fico à disposição para ajudá-las. Sou chamada constantemente para tirar dúvidas. Devo arrumar os materiais da sala, os livros nas prateleiras, arrumar os cartazes, pendurar os trabalhos já finalizados pelas crianças, separar os trabalhos não terminados e os dos alunos que faltaram. Outras atribuições são; levá-los para o lanche, parque, para as salas especiais (informática, artes, educação física), ajudá-los no refeitório, na escovação de dentes, monitorando-os durante o parque e o intervalo.

Além disso, todos os funcionários também têm encargos perante a escola, e o meu é passar diariamente em todas as salas, perguntando a cada professora quais

alunos faltaram, e quantos estão presentes para que se tenha um melhor controle dos alimentos no refeitório.

Com a professora efetiva da classe sempre tive um bom relacionamento. Ela compartilha comigo os planejamentos, dando autonomia para que eu possa criar alguma atividade de vez em quando e para lidar com o grupo. Ela me trata como uma professora, como uma colega de trabalho. Sinto-me valorizada ao seu lado.

Porém, quando penso em meu trabalho no contexto geral da escola, acho que ele é limitado, pois somente as professoras titulares participam das reuniões escolares, isto é, entre professores e também entre professores e pais. Apenas elas estão presentes nas reuniões que envolvem a equipe técnica, as psicólogas, fonoaudiólogas, terapeutas ocupacionais, e outros especialistas que acompanham alguns alunos. Além disso, elas possuem orientações semanais com a coordenadora. Eu não participo desse tipo de reunião. Fico excluída da discussão e do planejamento do trabalho pedagógico da escola.

Silva (2008), ao problematizar seu trabalho como professora auxiliar em seu TCC, mostra como essa função social dentro da escola é marcada por tensões. Focando suas relações com as crianças e com os demais profissionais da escola, a autora traz vários elementos para refletirmos sobre o não-lugar da auxiliar. Baseada nos estudos de Certeau (1994), apropria-se do conceito de não-lugar ocupado pelos sujeitos ordinários, para explicar as diversas tensões que são constitutivas do trabalho da professora auxiliar.

No meu papel de professora auxiliar reconheço muito das dificuldades encontradas por Silva (2008). Por exemplo, a escola, ao me deixar excluída das reuniões pedagógicas, de alguma forma indica que não sou reconhecida como

professora tal como a titular da turma. As problemáticas apontadas no TCC de Silva (2008) me são familiares no cotidiano em que exerço a função de auxiliar.

### **3.2 Minha entrada na escola**

Meu ingresso na escola ocorreu em janeiro de 2009, uma semana antes do início das aulas. Nesse período tive a oportunidade de conhecer os funcionários, tanto professores, como coordenadores, a equipe da cozinha e da limpeza. Confeccionamos materiais, arrumamos as salas e tivemos cursos de formação.

No primeiro dia de aula, conforme as crianças chegavam, uma outra professora auxiliar e eu ficamos encarregadas de recebê-las. No começo estava insegura, pois eram tantas crianças, tantos nomes que eu deveria aprender rapidamente que tinha medo de não conseguir dar conta. Não sabia exatamente quais funções eu deveria desempenhar e como seria a professora que eu iria acompanhar (já que a mesma estava em viagem de lua de mel e eu ainda não a conhecia).

Oliveira (2006), em seu trabalho de conclusão de curso, escreve sobre a função do estagiário e da importância para sua formação profissional de sua entrada na escola. Relata que a chegada do estagiário à nova escola é marcada por sentimentos como a angústia e a insegurança:

Para esse grupo de "inexperientes", o primeiro contato com o a escola pode ser assustador e desgastante, se não estiver devidamente preparado e apoiado. A transição de um "simples" aluno, para a de professor em formação é um momento delicado e apreensivo. (...) esta inserção na vida ativa manifesta-se como um período de dúvidas e angústia, geradas por causas diversas, como, por exemplo, as relações estarem já organizadas na escola no momento da chegada desse profissional em formação. (OLIVEIRA, 2006, p.3)

Oliveira (2006) chama atenção para a insegurança gerada pelo fato de ao chegar à escola, as relações e a dinâmica já estarem definidas de antemão. Esse

chegar a um ambiente configurado *a priori* provoca algumas sensações de incômodo: certo medo e preocupação com nossa aceitação pelos que lá estão.

Os dias foram se passando e eu percebia que estava gostando cada vez mais de ali trabalhar. Passei a me sentir muito bem aceita pelo grupo e pela professora também. As crianças me tratavam com respeito e eram carinhosas. Aos poucos fui entendendo melhor as metodologias específicas que a escola adota e fui me identificando com isso.

Por já saber que gostaria de trabalhar a respeito deste meu estágio em meu TCC, passei a ter um olhar mais atento para o que ocorria comigo e ao meu redor. Procurei também realizar registros sistemáticos do meu cotidiano como professora.

Ezpeleta e Rockwell (1989) defendem a tese de que quando se chega a uma escola é necessário sensibilizar o olhar. Justamente porque nós não conseguimos ver tudo e anotar tudo, temos que aprender a discernir o que anotar. As autoras enfatizam que não só o que é evidente é o que deve ser visto. Mas há aspectos muitas vezes que podem passar despercebidos. Precisamos estar atentos aos detalhes. E isso é um aprendizado.

Chegar às escolas que vão ser observadas e registrar o que se observa supõe múltiplas tensões para o pesquisador. Mesmo quando a preparação prévia tenha colocado em dúvida os preconceitos e estejam claros os problemas teóricos que demarcam a busca, impõe-se de todos os modos, uma vigilância permanente. Deduz-se também das abrangentes perguntas iniciais uma ampla e inquietante determinação para o registro da informação e campo: registrar "tudo" o que se vê". (EZPELETA E ROCKEWLL, 1989, P.15)

Busquei também autores que trabalhassem, assim como eu, um problema real que fosse transformado em TCC. Ribeiro (2006) explica os motivos para tal escolha:

A escolha desse enfoque e de minha experiência, em particular, deveu-se a três motivos. O primeiro foi o fato dessa experiência, ainda em curso, ter sido minha primeira atuação em uma escola de ensino fundamental e na rede pública. O segundo motivo foi a crise de identidade profissional experimentada por mim. (...) E o terceiro foi a constatação de que eu não

precisava buscar um problema de investigação. Eu vivia um problema real, que ocupava os meus dias e desejava compreender o que estava vivendo. (RIBEIRO, 2006:2)

Isto é, a autora sinaliza que é possível estudarmos nosso próprio cotidiano. Meu trabalho pedagógico como professora auxiliar, principalmente aquele relativo às aulas de língua inglesa, poderia ser meu objeto de investigação.

Assim que entrei no ambiente escolar como uma profissional e não mais como aluna, entrei com um olhar diferente, procurei compreender melhor o que é a escola e o que ela significa. Nesse sentido, Guedes Pinto e Fontana (2001) trazem uma boa definição de escola, da qual eu concordo:

(...) entendendo-a como um palco de uma complexa teia de relações de poder constitutiva de subjetividades, em que se materializam e singularizam as relações de ensinar, de aprender, de compartilhar conhecimentos e experiências, de legitimar e coibir saberes” (GUEDES-PINTO E FONTANA, 2001, p. 142)

Compartilho com a visão das autoras sobre a complexidade que envolve a realidade do cotidiano escolar. Em todas as escolas iremos nos deparar com questões ligadas às relações de poder, às relações de ensinar, de aprender e de trocar as experiências.

### **3.3. Rotina do Infantil II**

Quando os alunos do Infantil chegam à escola, entre sete e meia e oito horas da manhã, se dirigem à sala da entrada, onde geralmente fica passando um DVD ou fita de vídeo na televisão.

Às oito horas, cada professora busca sua turma e os leva para suas respectivas salas. Cada criança guarda sua mochila na varanda, e pega sua agenda (que vai e volta todos os dias para escola, é a forma de comunicação escolhida entre os pais e a professora). Eles sentam em uma linha amarela pintada no chão e fazem uma oração. A professora inicia com uma breve conversa com eles e em

seguida, dá início à leitura das atividades que estão no mural. Em primeiro lugar, o calendário é trabalhado (chama-se a atenção para o dia, o mês, o dia da semana) e uma das crianças se levanta, vai até o mural e faz o desenho no quadrado que corresponde aquele dia. Após isso, são discutidas as condições climáticas do tempo (se está sol, nublado ou com chuva). Logo em seguida, são trabalhados valores morais na forma de virtudes (por exemplo, a verdade, e esse tema permanece por um mês no mural gerando diversas discussões e atividade. Neste mesmo mural há o cantinho da poesia. Fazem o trava-línguas (que é um conjunto de palavras formando uma sentença que seja de difícil articulação em virtude da existência de sons que exijam movimentos seguidos da língua que não são usualmente utilizados) e a adivinhação (que são perguntas e respostas de humor, consistem em perguntas com conteúdo dúbio ou desafiador e que começam com "O que é, o que é?", mas na maioria das vezes é subentendido).

Depois disso a professora explica a rotina do dia, quais atividades irão ocorrer naquele dia e se haverá atividades diferentes das programadas.

Por volta das 8h e 45min, a professora começa a explicar quais são as atividades que ocorrerão em cada canto. As dezenove crianças são divididas em quatro grupos e deverão fazer as atividades de dois cantos por dia. No dia seguinte fazem rodízio mais duas vezes e assim terminam as quatro atividades na segunda e na terça, e depois mais quatro atividades na quarta e na quinta. Na sexta não há cantos. São desenvolvidas nesse dia outras atividades.

Por volta de 9h e 30min, as crianças vão para o lanche e em seguida, para o parque. As 10h e 40min começa a aula de inglês, e a "Teacher", como eles chamam

a professora, chega à sala. São 50 minutos de aulas diárias de inglês, e tenho a oportunidade de acompanhá-las<sup>2</sup>.

Após a aula os alunos vão para o almoço e conforme terminam suas refeições, escovam os dentes e se dirigem ao parque. Quando é meio dia e meia, sou encarregada de chamar a classe e nos dirigirmos para a sala de aula.

Por volta das 13 horas a professora volta de seu almoço e costumamos ler um livro para eles.

Logo chega o meu horário de deixar a escola, às 13hs e meia. E a professora titular continua a rotina com as crianças.

Conforme dito antes, para o TCC passei a registrar no diário de campo as aulas com a Teacher, e o meu grande foco de atenção se voltou à minha interação com as crianças, entre as crianças e a professora, entre as crianças e o aprendizado da língua inglesa, quais são as relações que ali se formam, o modo como reagem e se comportam nessas aulas.

### **3.4 As aulas de inglês**

Quando a Teacher entra na sala, todas as crianças já estão sentadas na linha amarela. Ela senta em uma cadeira, também na linha amarela, e começa a cantar a música de "Bom dia" (Good morning song – Anexo 2) Ela costuma perguntar se está tudo bem com as crianças, se elas têm alguma novidade para contar. Essa conversa é falada pela professora em inglês. É surpreendente para mim, constatar como as crianças mostram compreender o que a professora diz. Ocasionalmente, se é aniversário de algum dos alunos, começa-se a cantar a música de "Feliz Aniversário" (Happy Birthday – Anexo 2).

---

<sup>2</sup> Detalharei adiante.

Após esse momento introdutório, segundo a metodologia da escola, a professora deve passar uma seqüência de cartões brancos, cada um com um desenho, em uma ordem específica e pré-estabelecida. A professora deve mostrar a figura ao mesmo tempo em que fala a palavra em inglês. E as crianças devem repetir o que a professora disse. Durante este período, a maioria das crianças se concentra para ouvir e repetir as palavras na língua estrangeira.

A Teacher quase todos os dias lê um livro em inglês para as crianças, e quando elas não entendem, fazem perguntas e aquelas que sabem respondem às outras, ou a própria professora intervêm e explica a dúvida ao aluno. Esse momento também pode acontecer com o uso de alguns fantoches que ela traz à sala para melhor ilustrar suas histórias.

Após essa atividade, a professora lança uso de um calendário móvel, bem grande e colorido, e começa perguntar qual é o dia da semana, o mês, o ano, e as crianças respondem em inglês.

Geralmente, uma música é cantada, para descontrair as crianças. Essas músicas costumam variar conforme os dias, e fazem parte de um repertório enriquecido e diversificado.

No final da aula, a Teacher propõe uma atividade às crianças. Geralmente, ela passa alguma atividade da página do próprio livro didático que os alunos possuem, e que ficam na sala de aula. Alguns dias a Teacher permite que as crianças brinquem com massinha, ou com o brinquedo que trouxeram de casa.

Quando os alunos começam a arrumar a sala para se prepararem para ir para o almoço, canta-se a música da "Organização" ("Clean up"- Anexo). Após essa música, mais uma vez é cantada, a da "Despedida" "Good Bye"- Anexo).

Eu acompanho todas essas atividades desenvolvidas pela Teacher. Ajudo-a no andamento das aulas e na organização das crianças na sala e na distribuição de materiais. Respondo também as dúvidas dos alunos quando sou solicitada.

## **4. Relatos e mais relatos**

### **4.1 Relato I- Brinquedo “Purple”**

Antes de ser efetivada como professora auxiliar, passei alguns dias na escola, como período de experiência. A cada dia, ficava com uma classe diferente e, logo no meu primeiro dia, acompanhei a rotina do Maternal II, que é composto por crianças com cerca de dois anos. Certa vez, estávamos no parquinho, quando observei um pequeno conflito entre três crianças.

Havia um brinquedo de plástico integrante do parque, na forma de um cubo, e que era do tamanho das crianças. Elas rodavam o cubo, mas não ficavam satisfeitas.

Ouvia uma delas dizer, bem baixinho assim:

- Quero no purple.

E eu perguntei :

-O que você quer? Eu posso te ajudar também!

Ela novamente disse:

-Quero no lado do purple.

Confesso que não entendi o que a criança desejava, e só fui compreender quando a professora dela se aproximou, girou o brinquedo e assim o colocou virado com a cor roxa para cima.

O que a pequena garotinha queria era muito simples. Ela desejava virar o brinquedo no lado em que a cor roxa ficasse na parte superior do cubo. Depois desse episódio, vim a saber que sua classe estava aprendendo os nomes das cores com a professora de língua inglesa e ela já estava se utilizando do que aprendera. Achei o fato surpreendente, pois ela era tão pequenininha e já estava colocando em

uso o que aprendera com a professora de línguas. Fiquei muito contente em notar que as crianças, apesar da pouca idade, estavam, sim se apropriando do que havia sido aprendido em seu cotidiano.

Em janeiro, quando se iniciou o ano letivo, imaginava que as aulas de inglês atuariam mais como um estímulo à língua inglesa como uma “apresentação” de outra forma de falar à criança e não tinha noção de que o aprendizado da língua pudesse se efetivar. Não acreditava, por exemplo, que fora da aula de inglês as crianças pudessem sequer se lembrar do que conversavam com a Teacher. E fui percebendo que elas, do jeito próprio delas, iam tornando familiar algumas expressões.

Nesse primeiro mês, tinha a impressão de que a classe não compreendia muito o que a professora falava e pedia. Mas com o passar dos meses, pude perceber uma mudança bem notável relacionada ao nível de compreensão dos alunos. Vou descrever alguns relatos que mais me chamaram atenção desde o começo do ano.

## **4.2 Relato II - Happy Birthday to you**

Faço aniversário no fim do mês de março e as crianças, desde o dia que a professora afixou no mural o calendário do mês de março, e conseqüentemente o meu nome no dia 25, faziam a contagem regressiva. Porém, muito antes do dia 25 chegar, elas começaram a cantar o *Happy Birthday to you* para mim.

Elas entediam o que a música significava. Sabiam que significava parabéns. Mas, ao mesmo tempo, sentiam muita ansiedade e gostavam de brincar comigo cantando essa música todos dias. Eles sabiam que ainda não era a data correta, mas mesmo assim, o faziam. Talvez como “desculpa” para usarem da segunda

língua, talvez por pura diversão. De qualquer modo, cantavam a música em inglês para mim e se divertiam com isso.

Logo no início do dia, a cada aniversário das crianças, o "Parabéns", (em português é cantado). Muitas vezes, nesse momento elas já querem cantar a música na versão em inglês, porém, a professora diz que ainda não é a hora de cantar em inglês, e que elas devem fazer isso somente na aula da Teacher.

As 10h e 40min, assim que a Teacher entra na sala e é o dia do aniversário de alguém, elas já começam a cantar o Happy Birthday to you com muita alegria. Sintomático que elas cantem em inglês quando a Teacher aparece em cena... É o reconhecimento de uma outra língua, de um outro contexto para o uso do inglês.

#### **4.3 Relato III - I am fine. Thank you, and you?**

Por volta do mês de junho, a Teacher começou a trabalhar a questão do: "*How are you Infantil 2?*" (Como vocês estão infantil 2?) e passou a "exigir" a resposta individual de cada um.

Nos primeiros dias, as crianças não entediam o que ela estava esperando delas. Os alunos que entendiam, respondiam em português, e eu sinceramente, acreditava que o processo de compreensão de todos dessa nova conversação que se apresentava seria bem longo.

Para a minha surpresa, após uma semana (sendo que todos os dias eles eram cobrados para responder corretamente), a maioria da sala já respondia prontamente ao "*How are you?*" e em poucas aulas, já estavam respondendo além do "*I am fine*". "*Thank you*", o complemento que a Teacher exigia. A réplica: "*I am*

*fine. Thank you, and you?"*. Assim a Teacher também respondia a pergunta deles com: *"I am fine too, thank you!"*.

As crianças, percebendo que ela respondia isso, repetiam o *"And you?"* inúmeras vezes. Havia dias em que a professora respondia com alegria as inúmeras vezes. Outros dias ela dava um jeitinho e respondia a esta questão uma vez só e já emendava uma música para distrai-los.

#### **4.4 Relato IV - A volta as aulas**

Esse ano, em especial, a volta às aulas foi prorrogada. A gripe H1N1, que assustou e assolou a cidade de Campinas nessa época, adiou o início das aulas em um mês, e as crianças passaram o mês de julho e agosto inteiros em suas casas.

Quando retornaram à escola, imaginava que eles nem iriam se lembrar de muitas coisas, e mais uma vez, fui surpreendida. Estava enganada...

Logo no primeiro dia de aula em setembro, a Teacher retomou a questão do *"How are you?"* E os alunos mostraram que já haviam se apropriado do aprendizado, pois todos souberam responder adequadamente, e ainda lembraram de fazer a réplica à professora: *"And you?"*.

Além disso, sempre para pedirem a permissão para ir ao banheiro, a Teacher ensinou para vir perguntar em inglês: *May I go to the bathroom?* Tanto para ela ou para mim. E, mesmo após tanto tempo distante das aulas, os alunos lembraram como fazer o pedido de forma correta.

Esses exemplos revelam que o ensino da língua, em seu uso social, a partir do seu funcionamento real, possibilita que o aprendizado ocorra com sentido para o estudante. Conforme mostrado antes a respeito dos vários métodos de ensino da língua inglesa, que foram adotados no Brasil, quando se assume a concepção da

língua como prática social, conseguem dela se apropriar, reiterando alguns pontos defendidos por Moita Lopes (1996). O autor chama a atenção para que o ensino de LE se realize em consonância com o “agora” dos estudantes e que ele possa contribuir na questão de construção de autoria.

As crianças da turma que acompanhava pareciam dar passos nessa direção.

#### **4.5 Relato V- Pets**

Na primeira quinzena de setembro, o tema gerador das aulas era os animais de estimação das crianças (os pets), e durante a roda, a Teacher perguntava aos alunos:

Teacher: - Do you have a pet in your home?

Pedro\*: - O que é isso?

Patrícia\*: - Ela quer saber se você tem um animal na sua casa!

Teacher: -Yes! Do you have a pet, Pedro?

Pedro: - Tenho só um cachorro.

Teacher: - Ok, Pedro! So do you have a dog! (ênfase no dog). And you, Marcos?

Marcos\*: - Um dog.

Teacher: - Really? Nice! And you, Mariana?

Mariana\*: - Two dogs e um papagaio.

\*Nomes fictícios criados para preservar os nomes das crianças.

Teacher: - Ok. And you, Bruno?

Bruno\*: - One dog e one gato.

Teacher: - Oh, do you have a cat too? Very nice!

E assim a conversa continuou com os 19 alunos da sala. A maioria conseguia pronunciar os animais (cat and dog) e perguntavam como se diz peixe, tartaruga e passarinho em inglês.

#### **4.6 Relato VI- Members of the family**

Na segunda quinzena de setembro o tema programado era sobre a "*Family*". A Teacher passou todas as manhãs, durante uma semana os "*bits*" dos membros da família (*mother, father, brother, sister, baby, grandpa, grandma, house, apartment...*) e pediu que cada criança levasse uma foto de sua família à escola.

Conforme os alunos iam trazendo suas fotos, ela os chamava para ir de pé, ao seu lado, apresentar sua família à toda classe. A primeira criança que trouxe a foto foi a Fernanda<sup>\*3</sup>:

Teacher: - Fer, come on here to present your family to your friends!

Fernanda: - Ah não, Teacher, eu tenho vergonha.

Teacher: - Don't worry! I will help you! (Fernanda foi ao seu lado, um pouco tímida).

Teacher: - Fer, who is this woman?

Fernanda: - Mom.

Teacher: - Yes, she is your mother! And who is this man here?

---

<sup>3</sup> Nomes fictícios criados para preservar os nomes das crianças.

Fernanda: - Father.

Teacher: - Hum...and who is this baby?

Fernada: - Paulo.

Teacher: - Paulo?? So is Paulo your brother??

Fernanda: - Yes, ele vai fazer um ano daqui uns dias!

Teacher: - Cool! Very good Fer! Sit down there! Thank you! Now, come on Alexandre\*<sup>4</sup>.

Alexandre\*: - Oba! Mas, Teacher, eu não sei falar de todo mundo, só da minha mother e do meu father,

Teacher: - No problem Alê...Who is this man here?

Alexandre: - Meu father, né!

Teacher: - And this woman here?

Alexandre: - Minha mother!

Teacher: - And this beautiful girl besides you?

Alexandre: - Ah eu não lembro como fala irmã...Como é que é mesmo?

Teacher: - Guys, who knows who this girl is?

Carlos\*, Pedro\* e Rafael\* respondem ao mesmo tempo: -É a sister dele, a Maria, do segundo ano. (A irmã dele estuda na mesma escola que ele, e os amigos a conhecem)

Teacher: - Ok Alê, sit now besides Rafa. Pay attention infantil, tomorrow, we will learn about Marina and Thiago's family! And there are children that didn't bring the pictures yet! So, don't forget to bring the photos, ok?

E a aula continua, e em seguida nós entregamos os livros para os alunos realizarem uma atividade a respeito da família no livro didático de inglês.

---

<sup>4</sup> Nomes fictícios criados para preservar os nomes das crianças.

Esse é mais um exemplo que corrobora a visão de Moita Lopes (2002) de que o tratamento à prática discursiva em uma sala de aula no ensino de uma segunda língua seja o de vincular o uso da linguagem a práticas sociais existentes no mundo exterior, de possibilitar que o estudante se relacione subjetivamente com a língua.

#### **4.7 Relato VII - Numbers**

Desde o começo do ano, a Teacher também passa os bits dos números. No momento, estão aprendendo do 30 até o 40. Porém, nas aulas de português, aprenderam somente até o 20, alguns sabem um pouco mais, outros um pouco menos. Essa diferença entre ensinar até o 40 em uma aula e até o 20 em outra gerou um pouco de confusão entre as crianças. Talvez pudessem ter caminhado junto.

A professora regular conversou com a Teacher, pois acreditava que ela estava indo rápido demais com os números em inglês, já que eles ainda não sabiam muito bem as quantidades.

A Teacher então, resolveu fazer um "teste" com eles. Começou a sortear números de forma aleatória e pedir que os alunos, um a um, respondessem qual era aquele número:

Teacher: - Now infantil 2, let's pay attention here! Let's play a new game? Pati, which is this number? (mostrando o 33).

Patrícia\*: - Thirty tree.

(Eu olho espantada para a Teacher, e ela olha da mesma forma para mim.)

Teacher: - Congratulations Pati! Very good! Now, Pedro, which number is this one? (mostrando o 35).

Pedro\*: Tree five.

Teacher: - Ok Pedro. Pay attention! These are number tree and number five, but they are together, there is another name...Who knows?

Ana Carolina\*: - Eu sei Teacher! Thirty five! É a idade que minha mãe tem!

Teacher: - Yes Aninha! You know everything! Very nice! Now Bruno, tell the name of this number, e mostra o 40.

Bruno\*: -Four...e o zero...

Marina\*: - É o forty Bruno!Não é Teacher?

-Teacher: Yes, Marina! That's right, let's continue this game tomorrow ok?  
Let's get our book now!

Por acompanhá-los na maioria das aulas, sei quais são os alunos que mais apresentam dificuldades tanto nas atividades que visam à leitura e escrita, como nas atividades de matemática. Percebi que as mesmas crianças que se destacam nas atividades são as que respondem corretamente as questões da Teacher. Consequentemente, as que apresentam maiores dificuldades, são as mesmas que se confundem para responder aos números em inglês.

Acredito também que a maioria memorizou o nome dos números, pois praticam a repetição diariamente. Poucos ali realmente tinham noção da quantidade de 30 ou 40 objetos. A professora titular da classe tinha seus motivos para pedir que a Teacher caminhasse mais devagar quanto a isso...

#### **4.8 Relato VIII - Uma aluna especial nas aulas de inglês**

Natália\*<sup>5</sup>, de cinco anos, é uma das alunas do Infantil 2. Ela é portadora de Síndrome de *Down* e permanece na escola no período integral, assim como as

---

<sup>5</sup> Nomes fictícios criados para preservar os nomes das crianças.

outras crianças. Apenas em um dia da semana, deixa a escola após a hora do almoço para encontrar-se com sua terapeuta ocupacional e sua psicóloga.

Ela participa de todas as atividades, algumas precisam ser adaptadas, outras não. Ela é muito desenvolvida, tem um vocabulário amplo, anda e corre normalmente. Adora brincar no parque e na quadra também. Gosta de realizar suas atividades sozinha, sem a ajuda dos adultos ou dos próprios colegas.

Não usa o pronome pessoal na primeira pessoa, sempre diz: "A Natália faz sozinha!" Ou então: "Marcella não". E tem um temperamento forte, não gosta de ser contrariada.

Um de seus maiores problemas é locomover-se de um ambiente ao outro. Então, quando estamos na sala de aula, e é hora do lanche, temos que usar de inúmeras estratégias para levá-la até o refeitório. Quando estamos no parque e devemos voltar para a sala de aula, o problema se agrava ainda mais.

O horário do parque é anterior ao das aulas de inglês. Assim, para fazê-la sair dali, utilizo vários artifícios. Um dos que mais funciona é quando eu começo a falar que estamos indo para a aula de inglês, pois a Natália adora a Teacher e as músicas que são cantadas.

Eu: - Infantil 2, batendo o pé, lavando a mão e formando a fila. Vamos lá, rapidinho! (Grito para a turma no parque!)

(Natália ouviu e permaneceu parada, finge que não ouviu e fica brincando no tanque de areia). Chego ao seu lado e digo:

Eu: - Natália, já pedi pra você ir bater o pé! Seus amigos já estão todos na fila! Pode ir, estou esperando!

Natália: - Não.

Eu: - Ai Ai Natália, pode ir... Você consegue ir sozinha lavar a mão?

Natália: - Não. Natália não quer.

Eu: -Você quer ajuda ou vai sozinha?

Natália: - Não.

Eu: - Então eu vou te ajudar. (Tento pegá-la no colo, mas ela faz força e se joga no chão. Decido então mudar a estratégia e começo a falar das aulas de inglês).

-Nati, agora é aula da Teacher! Vamos lá?

Natália: - É??

Eu: - É, como é que a Teacher canta? Hello good morning how are you?....  
(ela começa a cantar junto)

-Vamos lá, ela já deve estar na sala esperando a gente voltar! Qual outra música você gosta de cantar Nati?

Natália: - It's sunny, It's sunny, It's sunny and hot today. Let's go out, let's go out, let's go out and play! Marcella, cadê a Teacher?

Eu: - Já tá na sala Nati! Vamos lá? Vamos ver se a Teacher já chegou?

Natália: - Vamos! (E finalmente, ela sai correndo em direção a sala de aula).

Quando entra na sala, a Teacher já está cantando a música do "Good Morning", e Natália escolhe um lugar na linha amarela para sentar. Ela é uma das crianças que mais cantam e ficam agitadas com as aulas de língua inglesa. Ela sabe cantar todas as músicas e se diverte o tempo todo.

A Teacher lhe faz as mesmas perguntas que faz aos demais alunos, e ela sempre responde do modo correto. Quando perguntada sobre sua idade, diz que tem "five" anos.

Ela sabe contar até dez em inglês e sabe as cores também. Aprendeu de forma rápida os membros da família e sabe algumas palavras básicas como house,

apartamento, school, friend. Saber responder ao “How are you” e sempre fala bye bye para mim quando chega o momento de eu ir embora.

Acredito que a razão por ela, apesar de suas limitações, compreender tão bem a segunda língua, é a sua motivação e entusiasmo perante as aulas de inglês.

Ela presta atenção e sabe mais do que outros alunos. É um exemplo de que algumas crianças podem ter maiores limitações, mas dependendo do modo como são estimuladas e também de acordo com seu desempenho pessoal, podem aprender e até se destacarem em certas áreas.

Vygotsky (1998) chama atenção do quanto a linguagem e pensamento estão relacionados. O autor, que atuava junto a seu grupo de pesquisa, estudava o desencadeamento psíquico de sujeitos portadores de diversas dificuldades e defendia que o cérebro humano é plástico- não tem limites. E destacou a importância do desenvolvimento no uso da linguagem para o desenvolvimento psíquico das funções mentais superiores. O caso da aluna Natália pode ser tomado como um exemplo de que mesmo as pessoas portadoras de alguma limitação neuropsicológica podem apresentar progressos à medida que vivenciam ativamente situações de uso significativo da linguagem.

## **5- Considerações finais**

Acredito que a realização deste TCC tem contribuído imensamente ao meu crescimento como profissional da área de Educação. Vejo sua relevância não apenas no que se refere à compreensão da importância das aulas de língua inglesa, mas em todos os aspectos que se referem ao ensino em geral.

Com a escrita deste trabalho tive que me inteirar sobre a estrutura organizacional da escola, sobre as relações entre professores e direção, entre os próprios professores, entre a escola e o modo em que se exige o apoio da família, e entre os próprios alunos.

Foquei meu olhar para as relações que ocorriam nos momentos das aulas da Teacher, tanto das crianças entre si, como delas perante à Teacher e a mim, professora auxiliar que tem um convívio estreito com elas.

Percebi que durante as aulas e atividades que são ministradas em português, as crianças recorrem muito mais a minha ajuda (dirigem-se a mim com mais frequência e até com mais "facilidade") do que quando ocorrem as aulas de inglês. Acredito que uma das razões para isso seja o fato de elas discriminarem que o momento do inglês acontece com uma profissional "especializada". Com a presença da Teacher na sala, as perguntas voltam-se mais para ela do que para mim. Acho que as crianças pensam que só ela teria o domínio da língua estrangeira ou então que esses momentos são tão prazerosos e conduzidos pela Teacher que naturalmente as atenções voltam se para ela.

Sinto que em outros momentos tenho mais autoridade e autonomia com os alunos. A Teacher pede apenas minha ajuda para distribuir os materiais e para

manter um andamento satisfatório da sala. Nesses momentos da aula de inglês não sou muito valorizada como uma profissional que poderia também ajudar neste ensino específico. O meu não-lugar como professora auxiliar se torna mais evidente nas aulas de LE.

Em relação à compreensão dos alunos, percebi um grande avanço no desenvolvimento e aumento da concentração, tanto para aprender os comandos verbais como também na capacidade de responder em inglês às perguntas da Teacher.

O inglês ali é aprendido através de uma forma de ensino que privilegia o funcionamento social da língua inglesa. Essa aprendizagem se desenvolve de forma tranqüila e, aos poucos, os alunos vão se apropriando desse conhecimento, dessa linguagem. O ensino da segunda língua, na medida do possível, trabalha com as mesmas situações vividas pelas crianças. Elas agem através do discurso, podendo se apropriar de um modo de dizer que tem sentido no mundo em que vivem (Moita Lopes, 2002).

Cada conceito aparece em diferentes contextos, situações e ambientes: observando, identificando, descrevendo, fazendo mímica, cantando, manipulando objetos, dançando, repetindo, imitando, escutando, memorizando, com uma atitude positiva que reforça a aprendizagem, como uma apresentação clara de modelos a imitar com uma estimulação abundante e adequada. Sobre isso, Vygotsky (1988) chama atenção para a importância dos modelos para o processo de apropriação do sujeito. Eles servem de ponto de partida, fornecem ancoragem para o aprendiz.

Importante também ressaltar que as atividades visam o caráter lúdico permitindo desenvolver a relação entre a linguagem e pensamento, uma vez que são trabalhadas suas capacidades criativas e imaginativas.

Acho que, a ajuda de todos esses recursos expressivos da língua, como os gestos, ritmos, entonações e todas as atividades acima descritas, contribui para criar um ambiente tranqüilo em que o aluno se sente seguro e confiante para aprender e se expressar livremente.

Atualmente sinto-me mais preparada e estimulada para assumir uma sala de aula no próximo ano, mas sei que a cada nova turma, novos desafios surgirão, e estes serão bem vindos, pois a tarefa de uma professora, além de ensinar e proporcionar que a fonte de conhecimento não seque nunca, é principalmente aprender hoje e sempre com os alunos nas relações humanas que decorrem desse encontro social.

## Referências Bibliográficas

ASSIS, Ian. **A expansão da língua inglesa**. A língua inglesa na escola. Mercado das Letras, Campinas, S.P., 2008.

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BOLOGNINI, C.Z. **Práticas na sala de aula de línguas estrangeiras**. MEC. Cefiel/IEL/Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_.(2008). **A formação de professores de LE e o objeto de ensino**. A língua inglesa na escola. Mercado das Letras, Campinas, S.P.

CAMERON, L. **Teaching English to Young Learners**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: arte de fazer**. Vozes, Petrópolis, 1994.

DAYRELL, Juarez. IN DAYRELL (org). **Múltiplos olhares: sobre educação e cultura**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2006.

EZPELETA E ROCKWELL. **A escola: Relato de um processo inacabado de construção**. Pesquisa Participante. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

GUEDES-PINTO E FONTANA: **Professoras e estagiários - sujeitos de uma complexa e “velada” relação de ensinar e aprender**. proposições/Faculdade de Educação/Unicamp. Campinas, S.P: v.12, no. 2-3 (35-36) jul-nov, 2001.

HASHIGUTI, Simone. **Presença dos ingleses no Brasil: efeitos na/da língua(gem)**. A língua inglesa na escola. Mercado das Letras, Campinas, S.P, 2008.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. SP:EPU, 1986.

MACHADO, A. **Na escuta das crianças, o re-planejar da professora: os sentidos em circulação no processo de apropriação do conhecimento.** Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação/ UNICAMP. Campinas, SP: 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas, Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_.(1996) **Oficina de lingüística aplicada** : a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas,SP : Mercado de Letras.

OLIVEIRA, O. **Papel do estagiário na escola: um estudo de caso.** Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação/ UNICAMP. Campinas, SP: 2006.

PEDRASSA, M. **Quando a professora e os alunos enfrentam o fracasso escolar: aprendendo a ler e a escrever.** Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação/ UNICAMP. Campinas, SP: 2007.

RIBEIRO, Priscilla Dayane. **A organização do processo de ensino: a inserção de uma jovem professora no Ensino Fundamental.** Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação/ UNICAMP. Campinas, SP: 2006.

ROCHA, Claudia. **Provisões para ensinar LE no ensino fundamental de 1. a 4. series : dos parâmetros oficiais e objetivos dos agentes** .Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas-SP, 2006.

ROSA, M. A. **A Relação entre Domínio da Língua Inglesa e Empregabilidade no Imaginário Brasileiro em Tempos de Mundialização do Capital.** Dissertação de Mestrado. Campinas, IEL/Unicamp. Campinas-S.P, 2003.

SILVA, Patrícia Ottoni. **O não lugar da professora auxiliar: alguns apontamentos.** Faculdade de Educação/ UNICAMP. Campinas, SP: 2008.

STOPPIGLIA, B. **O humor na literatura infantil: despertando o gosto para a leitura.** Campinas, SP: [s.n], 2002.

UPHOFF, D. **A história dos métodos de ensino de inglês no Brasil.** A língua inglesa na escola. Mercado das Letras, Campinas, S.P, 2008.

VIGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes. 1998 [1984].

WALLACE C. Critical literacy awareness in the EFL classroom. In FAIRCLOUGH, N. (ed.) **Critical Language Awareness**. Longman, 1992.

# Anexos

## Anexo 1. Cronograma do mês de Agosto - Infantil II

### Segunda- feira

- Good morning Song
- Bits- Members of the family/ numbers from 30 to 40
- Story
- Com as fotos da família, explorar os conceitos: mom, dad, brother, sister...
- Task: montar o painel My Family
- Song I love my family
- Good bye Song

### Terça- feira

- Good morning Song
- Bits- Members of the family/ numbers from 30 to 40
- Story
- Introduzir o conceito pet
- Task: book
- Song- I love my family
- Good bye Song

### Quarta- feira

- Good morning Song

- Bits- Members of the family/ numbers from 30 to 40
- Story
- Video
- Song- Party Song
- Good bye Song

#### **Quinta- feira**

- Good morning Song
- Bits- Members of the family/ numbers from 30 to 40
- Story
- Rever as colors
- Task: ditado de cores
- Song- I love my family
- Good bye Song

#### **Sexta- feira**

- Good morning Song
- Bits- Members of the family/ numbers from 30 to 40
- Story
- Passeio de aprendizagem: explorar a estrutura: She/ He is my friend
- Song- I love my family
- Good bye Song

## **Anexo 2. Some Songs**

### **1-Twinkle Twinkle Little Star**

Twinkle, twinkle little star,  
How I wonder what you are.  
Up above the world so high,  
Like a diamond in the sky.  
Twinkle, twinkle little star,  
How I wonder what you are.

### **2- Hokey-Pokey**

You put your right foot in,  
You put your right foot out;  
You put your right foot in,  
And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

You put your left foot in,  
You put your left foot out;  
You put your left foot in,  
And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

You put your right hand in,  
You put your right hand out;

You put your right hand in,  
And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

You put your left hand in,  
You put your left hand out;  
You put your left hand in,  
And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

You put your right side in,  
You put your right side out;  
You put your right side in,  
And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

You put your left side in,  
You put your left side out;  
You put your left side in,  
And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

You put your nose in,  
You put your nose out;  
You put your nose in,

And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

You put your backside in,  
You put your backside out;  
You put your backside in,  
And you shake it all about.  
You do the Hokey-Pokey,  
And you turn yourself around.  
That's what it's all about!

### **3- Before Stories Song**

Just imagine all the things  
that we could be.  
Imagine all the places  
that we could go and see.  
Imagination's fun for you and me

### **4-Happy Birthday to you!**

Happy Birthday to you!  
Happy Birthday to you!  
Happy Birthday Dear .....

Happy Birthday to you!  
Today is your birthday,  
What a happy day!  
Today is your birthday,

What a happy day!

I see a cake,

I see ballons,

I see presents ,

And toys too.

Today is your birthday,

Happy Birthday to you!

### **5-It's sunny**

It's sunny,

It's sunny,

It's sunny and hot today!

Let's go out,

Let's go out,

Let's go out and play!

### **6- Family Song**

Mother, father, family

Brother, sister,

you and me

All together family,

I love you,

And you love me!

## **7- The silence**

The silence, the silence,  
is so good, is so good,  
Let's be quiet, let's be quiet  
Shiiu, shiiu, shiiu.

## **8- Bye bye**

Bye, bye, bye bye  
Bye, bye Infantil,  
See you, see you,  
see you tomorrow,  
Bye, bye, bye bye Infantil,  
Have a nice day!

## **9- ABC**

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z.

Now I know my ABC's,  
Next time I want you  
to sing with me.

## **10- Good morning**

Hello good morning, how are you?  
How are you?

Hello good morning, how are you?

I'm fine thank you!

I'm fine thank you!

### **Anexo 3. Exemplos de trava-línguas**

- Uma aranha dentro da jarra. Nem a jarra arranha a aranha nem a aranha arranha a jarra.
- Sobre aquela serra há uma arara loura. A arara loura falará? Fala, arara loura!
- Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem.
- A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.
- Comprei uma arara rara em Araraquara.
- Em rápido raptó, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.
- Pedro Pereira Pedrosa pediu passagem para Pirapora.
- O princípio principal do príncipe principiava principalmente no princípio principesco da princesa.
- O Tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o Tempo respondeu ao tempo que o tempo tem tanto tempo quanto tempo, tempo tem.
- Há quatro quadros três e três quadros quatro.

## **Anexo 4. Exemplos de adivinhações**

- O que é que é surdo e mudo, mas conta tudo?  
Resposta: o livro
- O que é o que é que sempre se quebra quando se fala?  
Resposta: o segredo
- O que é o que é feito para andar e não anda?  
Resposta: a rua
- O que é o que é que dá muitas voltas e não sai do lugar?  
Resposta: o relógio
- O que é o que é que sobe quando a chuva desce?  
Resposta: o guarda-chuva.
- Qual a única pedra que fica em cima da água?  
Resposta: a pedra de gelo.

